

## GRUPO GRAVADORES DE RUA.

### EXERCÍCIOS PARA UMA BAUHAUS SITUACIONISTA

FLÁVIO MICHELAZZO AMORIM JR.<sup>1</sup>; ELAINE TEREZINHA RODRIGUES  
DIAS<sup>2</sup> MARTA DAS NEVES GARCIA DUTRA<sup>3</sup>; Prof.<sup>a</sup> HELENA KANAAN<sup>4</sup>

<sup>1</sup>UFPEl - bacharelado artes visuais – [flaviomichelazzo@outlook.com](mailto:flaviomichelazzo@outlook.com) !

<sup>2</sup>UFPEl - bacharelado artes visuais – [elaine\\_trdias@yahoo.com.br](mailto:elaine_trdias@yahoo.com.br)

<sup>3</sup>UFPEl - bacharelado artes visuais – [marta\\_dutra@yahoo.com.br](mailto:marta_dutra@yahoo.com.br)

<sup>4</sup>UFPEl Centro de Artes – [harkanaan@gmail.com](mailto:harkanaan@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

O Grupo Gravadores de Rua desenvolve pesquisa em caráter multidisciplinar abrindo para debates e refletindo sobre a arte, o design, a história social, a história da arte, a geografia, o patrimônio, levantando problematizações e disseminando a cidade enquanto espaço para praticar o real e o imaginado, o individual e o coletivo, o público e o privado, o bem patrimonial material e imaterial, revelados nas frotagens que instigam a experiência urbana e legitimam a intervenção e a pesquisa de campo enquanto ação transformadora. Propõe-se atuar a partir do exercício da frotagem como técnica da área da gravura, para o qual elegeram-se um modo contemplado em práticas urbanísticas que adotam o caminhar como prática estética, seguindo os passos dos artistas do movimento Internacional Situacionista (1957-1972). Dessa corrente, nos aproximamos da proposta central que é a criação de situações, amparados na noção de psicogeografia (ASGER, J., DEBORD, G. Et.al., ....), segundo a qual o ambiente em que se vive atua diretamente sobre o comportamento afetivo. Nossa experiência se faz no sentido de propor novas situações ao andar nas ruas, revelar e proporcionar novos sentidos. Quanto a referência à Bauhaus (DROSTE, 2001) isso se dá no que concerne sua terceira fase (1932-1934), quando assentou as bases normativas e padrões do que hoje conhecemos como desenho industrial e gráfico; antes da existência da Bauhaus estas duas profissões não existiam tal qual foram concebidas dentro dessa escola, incorporando uma nova estética que abarcaria todos os âmbitos da vida cotidiana pensando em todos os detalhes que nos cercam. Os Gravadores de Rua vêm a importância das tampas de saneamento que são os olhos dos subterrâneos das cidades.

Pensa-se a corporalidade urbana como instância que desfaz a ideia do corpo como categoria genérica e impõe a necessária apreensão das especificidades locais. Pelotas é uma cidade plena de histórias contadas e não contadas, plena de tradições e potente às inovações. Pretende-se enquanto artistas pesquisadores, ativar temporalidades e fazer vibrar a construção de um futuro estético patrimonial, criando dispositivos comunicacionais.

## 2. METODOLOGIA

O grupo encontrou a seguinte metodologia para o trabalho de pesquisa com foco na 'rua': a partir do exercício de frotagem proposto na disciplina de introdução à gravura, partimos para encontrar matrizes nos arredores do Centro de Artes. A caminhada foi produtiva enquanto diálogo, dos corpos no tempo espaço, dos encontros, das situações que se sucederam. A partir daí elege-se a deambulação<sup>1</sup>, e nos encontros fortuitos partilha-se com a população o interesse sobre a história da cidade contemplada em suas próprias histórias, lembranças e afetos. Nas ações que tem como base as caminhadas, encontra-se tampas de saneamento como um indicativo de auto avaliação e de cidadania, salientando que Pelotas foi das primeiras cidades brasileiras que implantou o encanamento das águas e esgotos. A riqueza das tampas feitas em ferro fundido, o design e a diversidade, trazem informações de como era a cidade na época das primeiras tampas que datam de 1912.

A geografia da cidade, os momentos históricos sociais e o urbanismo geram os debates entre o Grupo Gravadores de Rua e os cidadãos que acompanham os trabalhos de frotagem que são a ponte fazendo um curso no tempo, trazendo o ontem para as galerias de arte e seminários científicos de hoje. Essas frotagens (gravuras), são obras-documentos levadas para espaços expositivos tendo já extrapolado espaços locais, participando de mostras em Porto Alegre e São Paulo.

A partir da experiência de andar e percorrer os espaços – sejam eles públicos, privados, urbanos, rurais – adotando o enunciado do “caminhar como prática estética” – prática esta que serviu como fundamento para a produção de muitos artistas, projetos e coletivos – o grupo investiga os modos de captar, registrar, se apropriar, interpretar e ressignificar poeticamente a relação entre o corpo, o olhar e o espaço da rua, que pode ser visto como um museu aberto, um museu sem paredes.

Referências artísticas mais próximas temos no projeto de intervenções urbanas do Arte-Cidade, coordenado por Nelson Felix, gerando repertório para a pesquisa de uma poética urbana, trazendo-a para uma experiência local. Os encontros do Grupo Gravadores de Rua possibilitam a experimentação do caminhar, pensar e registrar por meio da frotagem das tampas de saneamento feitas ferro fundido a marca de um tempo de economia forte e de interesse no bem estar da cidadania. A prática já é um momento de reflexão e com o

---

1 Deambulação – deambular

O ato de andar foi experimentado durante as primeiras décadas do século xx como uma forma de anti-arte. Em 1921, o grupo Dada organiza em Paris uma série de "visitas-excursões" aos lugares mais banais da cidade. Em 1924, os dadaístas parisienses organizam um caminhar a campo aberto. Descobrem no andar um componente onírico e surreal, e definem tal experiência como uma "deambulação", uma espécie de escritura automática no espaço real capaz de revelar as zonas inconscientes do espaço e as zonas escuras da cidade. (CARERI,2002)

registro em frotagens anota-se endereços, datas, situações e depoimentos dos transeuntes e moradores de locais em que se está registrando uma tampa.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidades de hoje não mais se constituem em pano de fundo emolduradas pelas relações sociais, mas a própria vida cotidiana é em parte constituída pelo urbano.

As tampas que frotamos são um pequeno detalhe dessa urbanidade de interesse está em seu caráter híbrido de formação de imagem formal e de caráter social. As tampas certamente são feitas a partir de um molde, fôrma ou matriz, a fim de serem multiplicadas, o que é também o princípio da gravura, disciplina de onde surgiu o interesse por esta pesquisa. A partir daí deu-se início ao registro das tampas feitas em papel vegetal com grafite ou lápis de cera negro. A pesquisa tomou rumos além do fazer da gravura e ampliou-se para debates com interesse em patrimônio, história, antropologia, higienização e design. Nas caminhadas sem rumo certo observa-se as tampas existentes e já foram registradas mais de 40 modelos diferentes, constatando que as mais antigas datam de 1912, completando 100 anos no ano de 2012, coincidindo com os 200 anos da cidade de Pelotas. Além das frotagens, muitos dos componentes do grupo utilizam ainda outras linguagens como desenho, xilogravura, litografia, serigrafia, infografia, pintura, fotografia e vídeo, montando um arsenal de imagens em diferentes modos de ver, abarcando, arte contemporânea design, geografia e sociologia. A arte do ferro fundido é bastante plástica, apelativa à vista e ainda relativamente abundante pela cidade, sem que a generalidade das pessoas repare nela ou possua informação histórica e técnica para compreendê-la e avaliá-la artisticamente. No livro, em formato de álbum, que pretende-se editar, mostrar-se-ão alguns dos melhores exemplos desta arte em Pelotas, descrevendo técnicas artísticas e socioculturais, focando a história das fábricas que as realizaram, se eram fundidas aqui ou já vinham prontas da Europa, quem as desenhava, o porque das formas escolhidas, os tipos das letras utilizadas, revelando a importância de um detalhe artístico utilizado no chão. Demonstra-se também com esse olhar, como esta indústria gerou, no século XIX, um importante

desenvolvimento industrial (tecnologia e equipamento) e estético (arquitetura e mobiliário urbano); Conhece-se a história das fábricas, dos empresários, e a sua importância ao nível da produção e do capital (nomeadamente a sua ligação à indústria do ferro fundido).

#### 4. CONCLUSÕES

O caminhar coloca-se para pesquisa como um ato crítico e sensorial. É primeiramente por ele que estabelece-se a cumplicidade do 'corpo' no 'corpo da cidade', ambos são porosos, se intercomunicam e se contaminam, são sensíveis quando exercitados e atrofiados quando são tolhidos, de forma que a cidade é posta como campo aberto para a experimentação artística, possibilitando a aproximação entre teoria e prática para o reconhecimento dos processos contidos em sua essência.

Caminhar liberta-nos do ambiente fechado da sala de aula, auditório e laboratórios, oferecendo o espaço necessário para pensar no relacionamento com a comunidade, atravessando territórios, cruzando com pessoas de diferentes origens, diferentes níveis sociais e culturais que partilham um imaginário, uma cidade.

O argumento deste trabalho, concernente a pensar a cidade, baseia-se na crítica situacionista do cotidiano para analisar em que medida a experiência da cidade faz avançar a investigação filosófica no aspecto da recepção da urbe. Pensa-se não em algo como uma obra situacionista, mas apenas em um uso situacionista para fazermos a obra frotagem-documento, num entrecruzamento de linguagens.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASGER Jorn, CONSTANT, Attila Kotanyi, DEBORD, Guy. *Internacional Situacionista*.

*Deriva, Psicogeografia e Urbanismo Unitário*. Porto Alegre: Deriva, 1999.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. CARERI,

Francesco. *Walkscapes. El andar como práctica estética*. Barcelona: Gustavo Gilí,

2002.

DROSTE, Magdalena. *Bauhaus*. Madrid: Taschen, 2001.

MANGUELIS, Alberto. *Cidades Imaginarias*. Madrid, 1992.

PEIXOTO, Nelson B. *Arte/Cidade. Intervenções Urbanas*. São Paulo: SESC, 1998.